

4 - DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL FOMENTADO PELA VONTADE DO TERRITÓRIO E PELA TECNOLOGIA.

Fernando Camilher-Almeida¹

“Aos intelectuais cabe-lhes aprofundar a percepção da realidade social para evitar que se alastrem as manchas de irracionalidade que alimentam o aventureirismo político; cabe-lhes projetar luz sobre os desvãos da história onde se ocultam os crimes cometidos pelos que abusam do poder; cabe-lhes auscultar e traduzir as ansiedades e aspirações das forças sociais ainda sem meios próprios de expressão.”
Celso Furtado (1984)

INTRODUÇÃO

Escrevo estas páginas nos últimos dias de 2020. Convivemos nesse ano com questões de ordem de saúde pública e econômicas de grande magnitude e que em muito impactaram o nosso projeto de desenvolvimento local sustentável no **bairro da Casa Verde, São Paulo, capital**. A ideia original do projeto (CAMILHER-ALMEIDA, 2019) era desenvolver de forma sustentável o bairro da Casa Verde, através da criação de um Núcleo de Inovação que fosse direcionado pelas vontades locais e pelo potencial econômico instalado, cruzados com os setores com as melhores tendências mundiais ao crescimento, integrando as necessidades do bairro com as possibilidades de solução das escolas técnicas e universidades.

Iniciamos o ano com planos de realização de uma série de eventos presenciais, muitos contatos e conversas. A segunda quinzena de março de 2020, no entanto, nos fez repensar as formas de agir e as prioridades do **Nosso Núcleo Casa Verde**. Foram necessárias uma série de adequações para conviver com o distanciamento social e a priorização de ferramentas de tecnologia, que deveriam entrar em um segundo momento, para uso imediato.

O primeiro desafio foi manter os contatos e as conexões vivas no território e neste quesito obtivemos muito apoio de nosso parceiro tecnológico, o **Taqui**, que a partir de suas soluções permitiu manter contato com a rede formada até então e ampliá-la.

¹ Administrador e Mestre em Economia pela PUC-SP, Prof. Pós Graduação FEI e Mauá, Facilitador do Projeto PNUD/ONU – EMPRETEC. Coordenador do Instituto WIZION e do Nosso Núcleo Casa Verde. E-mail: fernando@wizion.com.br

Este capítulo se divide em quatro partes. A primeira descreve como foi desenhado a escuta da vontade do território, junto à importância da cultura local e sua singularidade como potencial diferenciador, buscando entender como uma comunidade muito diversa pretende viver em 2022, 2030 e 2050.

A segunda parte descreve como estudamos as cadeias produtivas locais, seus primeiros resultados, potenciais, necessidades de inovação e primeiros pontos de alavancagem, embasados pelos estudos de desenvolvimento de cadeias produtivas.

A terceira parte foca nos caminhos para catalisar os usos da tecnologia e nossas parcerias com o objetivo de gerar renda, diminuir o desemprego local e fomentar as atividades e as compras locais diminuindo os custos de transação e aumentando a comunicação entre os entes do território.

A quarta parte explora como podemos trabalhar o desenvolvimento local sustentável, trazendo para o bairro uma espécie de Green New Deal² local, utilizando os conceitos da Economia Donut, de Kate Raworth (2019), que prega uma alternativa a crescer a qualquer preço e incentiva uma economia circular, com menos impacto no meio ambiente e mais a qualidade de vida para as pessoas.

Finalizamos com as considerações finais, que expõe as atividades e seus impactos esperados.

1- A VONTADE DO TERRITÓRIO

A busca por foco no Poder Local (DOWBOR, 2016), com um desenvolvimento conjunto em um território das condições de qualidade de vida, conforme as prioridades da população local e flutuante, pode ser viabilizada a partir da construção de um objetivo comum (SENGE, 1990, p. 18), fundamental para mobilizar a comunidade a partir de seus interesses prioritários. Tal objetivo já se mostrou possível no Canadá, onde, para a formação do índice canadense de bem-estar (CIW³), eles ouviram a população, distrito a distrito, para perceber na visão de cada comunidade o que é bem-estar, que mede a vida real para pessoas reais. Começaram com oito domínios que se concentram nos principais

² <https://www.ecycle.com.br/7987-green-new-deal.html> Acesso em 20/12/2020.

³ CIW – Canadian Index Wellbeing - <https://uwaterloo.ca/canadian-index-wellbeing/>. O Índice Canadense de Bem-Estar (CIW) registra mudanças em oito categorias ou domínios de qualidade de vida, Incluindo: vitalidade comunitária, engajamento democrático, educação, meio ambiente, populações saudáveis, lazer e cultura, padrões de vida e uso do tempo. Acesso em 30/12/2020.

aspectos da vida e os utilizaram para medir o que realmente importa para os canadenses e direcionar seu planejamento, levando em conta o que é prioritário a cada distrito.

Com este foco, estamos trabalhando para gerar no território o desenvolvimento econômico sustentável e não apenas o crescimento econômico puro e simples, a fim de evitar que as futuras gerações obtenham condições de vida inferiores à desta geração, nos aspectos sociais, econômicos e ambientais. Como lembra Veiga (2006, p. 19), “Foram surgindo evidências de que o intenso crescimento econômico, ocorrido durante e a partir da década de 1950 em diversos países semi-industrializados (entre os quais o Brasil) não se traduziu necessariamente em maior acesso de populações pobres a bens materiais e culturais, como ocorrera nos países considerados desenvolvidos”.

E em pleno 2020 as classes médias no Brasil também sofrem da mudança do perfil produtivo nacional, com cada vez menos empresas industriais e a pauta de exportação mais primarizada, reduzindo os bons empregos industriais (GALA; RONCAGLIA, 2020, p. 80), impactando também o nosso território, com os empregos em empresas industriais caindo de 5.031 em 2013, para 3.631 em 2018 (URBAN SYSTEMS, 2020, p. 37).

Mostramos a seguir como a cultura local, a vontade da população com indicadores claros e uma articulação local estão catalisando o desenvolvimento sustentável.

1.1 – CULTURA LOCAL

Neste centenário do nascimento de Celso Furtado, podemos lembrar da importância que ele dava à cultura nacional e seu potencial, e que por meio dela poderíamos acionar nossa criatividade e diversidade cultural “fazendo aflorar nossas energias contidas”, tudo isto construído com uma escuta ativa da população. Podemos escapar da armadilha histórica de copiar um modelo de desenvolvimento que importa modos de vida de outras sociedades, nos privando de criar nossos próprios caminhos, com todo este potencial que temos. Afinal lembrava “o desenvolvimento é a expressão final da capacidade criativa de uma sociedade” (FURTADO, 2002, p. 68 e 77).

A Casa Verde é um bairro de grande cultura popular, berço de grandes escolas de samba, de uma culinária variada e premiada, com grande participação nos esportes. Na região existe um grande complexo esportivo, composto de cinco campos de futebol de várzea oficiais e suas respectivas sedes sociais, onde o samba achava morada em todos os finais de semana antes do Covid-19.

Percebemos durante as pesquisas de campo o grande amor e sentimento de pertencimento que a população tem pelo bairro, fato que facilitou em muito a divulgação de nosso projeto às lideranças locais. Com a ajuda do Lino, escritor do livro sobre a Casa Verde (BRITTO; MARCELINO, 2013), que viabilizou a apresentação do projeto para algumas das lideranças locais, que por sua vez indicavam novas lideranças, fomos criando nossa rede local, composta de empresários locais, lideranças comunitárias e esportivas, presidentes de escola de samba, diretores de escolas públicas, enfim, todos que de alguma maneira representassem os desejos de um grupo local.

Nessas conversas com as lideranças, fomos vendo o grande potencial que existia no território. Para ficar em um só exemplo, as escolas de samba locais buscavam tecnologia de construção de seus carros alegóricos fora da cidade de São Paulo, literalmente “importando” mão de obra especializada de outros entes da federação. Entretanto, no próprio bairro existe a ETEC Albert Einstein, que poderia ajudar com suas áreas de eletrônica e computação, criando mão de obra local especializada, que poderia “exportar” conhecimentos para outros territórios. Tudo isso demanda um planejamento local e uma coordenação, hoje inexistente, perdendo grandes oportunidades.

Celso Furtado no texto *Entre inconformismo e reformismo*, intitulada “Frustrações de um reformista”, conclui dizendo: “Há exemplos, na história de outros povos, de avanços rápidos no plano político após o despertar de uma longa noite de imobilismo, como se a sociedade fosse dotada de um inconsciente, onde laboram forças criativas que ampliam o horizonte de possibilidades futuras”. Podem desatar uma “rica fermentação de ideias e iniciativas políticas e “traduzir uma ânsia de recuperação do tempo perdido” (BRANDÃO, 2020, p. 144). E é nisso que acreditamos para despertar a Casa Verde e sua população para um desenvolvimento sustentável para todos.

1.2 - INDICADORES DE QUALIDADE DE VIDA E COMO CAPTAR A VONTADE DA POPULAÇÃO LOCAL

A primeira vez que vi Ladislau Dowbor, posteriormente meu orientador do mestrado em Economia, foi em uma apresentação sobre Felicidade Interna Bruta (FIB), no Sesc Pinheiros, em 2008, patrocinado pela PUC-SP. Lá ele apresentou, juntamente com representantes do Butão e do Canadá, a experiência deles em gerar uma forma de medir o que realmente importava para a qualidade de vida de seus cidadãos, uma vez que o Produto Interno Bruto (PIB), que mede o que se produz na sociedade em um ano, cresce

mesmo quando alguém bate um carro ou venha a ser acometido de uma doença. Nas palavras do prof. Dowbor, “vamos convir, isto não deixa ninguém mais feliz”. Fica evidente que é necessário um novo indicador para direcionar as políticas públicas.

O representante canadense contou a experiência do Índice Canadense de Bem-Estar (CWI), que registra mudanças em oito categorias ou domínios de qualidade de vida, incluindo: vitalidade comunitária, engajamento democrático, educação, meio ambiente, populações saudáveis, lazer e cultura, padrões de vida e uso do tempo. Mostrando em um exemplo prático como era importante que houvesse equilíbrio nos indicadores, ele citou que quando era ministro da infraestrutura, colaborou com seu colega da saúde canadense, repassando a ele mais recursos em determinado período e diminuindo os recursos para a moradia, que era de sua pasta. O resultado foi que ao invés de uma melhora da saúde no período posterior houve uma piora, em função da diminuição dos recursos para moradias no Canadá.

O CWI relata regularmente sobre a qualidade de vida dos canadenses - nacional, provincial e localmente - e defende a mudança social que reflete os valores e coloca o bem-estar no centro da política. Trouxe estas iniciativas pois elas me impactaram profundamente para o desenho do projeto de desenvolvimento local sustentável do Nosso Núcleo Casa Verde.

Para colocar essa iniciativa em prática no bairro precisávamos ter uma ferramenta que pudesse nos ajudar a conversar não só com as lideranças, mas também com a população em geral. Nossa ideia era materializar em fotografias imaginárias um futuro desejável, para entendermos o que e como a população local gostaria de estar vivendo em 2022, 2030 e 2050. Em resumo gostaríamos de saber os objetivos, o que era importante na opinião da sociedade da Casa Verde para curto, médio e longo prazo. Esse trabalho têm um grande impacto na vida das pessoas, principalmente porque a maioria delas nunca parou para construir sistematicamente, sequer anotam em um papel o que fazer para o próximo ano.

Aí existe um paradoxo: um bairro com enorme quantidade de escolas de samba, que dependem de um planejamento minucioso e de uma coordenação gigante entre recursos, financeiros, produtivos (carros alegóricos e fantasias) e de treinamento de pessoal (escolas saem com mais de 4.000 integrantes na avenida, no dia do desfile), não usa o mesmo planejamento para coordenar seu próprio futuro de forma coletiva.

Logo o bairro já tinha no DNA planejamento, mais uma vantagem local. Outro ponto importante é a vitalidade cívica da Casa Verde, que conta com várias instituições

da sociedade civil. Esse elemento é destacado por Putnam, a respeito de como a organização cívica impacta em seu desenvolvimento, demonstrado no estudo sobre uma vantagem comparativa do norte da Itália, mais desenvolvido, com o sul da Itália, mais pobre, como decorrente em parte da sua vitalidade cívica, entendida pela articulação da sociedade civil em várias organizações com foco na melhora coletiva da cidade ou comuna.

Essa estrutura econômica peculiarmente produtiva tem por fulcro um conjunto de mecanismos institucionais que possibilita a coexistência da competição com a cooperação, na medida em que impede o oportunismo. “Uma vasta rede de associações econômicas privadas e de organizações políticas (...) gerou um ambiente propício aos mercados, promovendo a cooperação e propiciando às pequenas empresas a infraestrutura que elas sozinhas não teriam como obter.” (PUTNAM, 2006, l. 4909-4913).

Tínhamos adquirido para o Nosso Núcleo Casa Verde, bancado pelo Instituto Wizion, uma plataforma para ouvir a vontade do território, com foco em saltar a limitação das redes sociais como o Facebook, que não entregam as mensagens postadas a todos os membros do grupo. Todavia a plataforma não se mostrou viável e buscamos apoio em uma startup, composta por professores e alunos da Universidade de São Paulo (USP), que já eram na época apoiadores do projeto do hub de inovação, *core* do Nosso Núcleo Casa Verde.

A parceria com a startup Taqui, que a princípio tinha como escopo gerar uma forma de encontrar os produtos e serviços no território e promover a compra local, acabou abraçando o desafio de gerar uma área onde a comunidade, por meio de suas lideranças, colocaria as propostas de seus liderados para 2022, 2030 e 2050, e que a população em geral poderia debater as propostas, através de uma aplicação de mensageria, o Taqui Zap, sem sair da plataforma e votar nas propostas de maior interesse, propiciando um ranking na opinião da população local, do que seriam as propostas mais interessantes hierarquicamente em cada um dos períodos.

Havia ainda o problema do distanciamento social. Continuamos a fazer os contatos pontualmente com lideranças com as quais ainda não havíamos falado, viabilizado por meio de uma ferramenta de encontros virtuais, com som e imagem desenvolvida pelo Taqui, a partir de março de 2020. No final de junho do mesmo ano já havíamos mapeado as 50 maiores lideranças do território e conversado a respeito do Nosso Núcleo Casa Verde individualmente.

Restava outro desafio, ainda não havíamos realizado nenhum encontro conjunto com todas as lideranças que havíamos mobilizado, encontro este marcado para o início de julho de 2020. O Taqui também propiciou uma plataforma que viabilizou a primeira reunião geral do território no mês planejado, com múltiplas salas virtuais, nas quais pequenos grupos de lideranças de até cinco pessoas puderam se conhecer melhor. A partir desses múltiplos encontros simultâneos, voltávamos para uma sala virtual maior onde alinhávamos os próximos passos e fazíamos apresentações gerais, e com todas estas ferramentas tecnológicas mantivemos o projeto andando mesmo com distanciamento social.

1.3 - COORDENAÇÃO LOCAL

Se olharmos no mundo inteiro países que se desenvolveram, e muitos deles têm regiões que foram testadas como modelo, notaremos que eles tiveram uma coordenação feita entre o estado e a iniciativa privada, para possibilitar investimentos e ganhos que são repartidos por toda a sociedade (CHANG, 2004, p.80), por meio da melhoria das empresas, que produzem produtos com maior valor agregado (algumas vezes até monopolistas), pagam melhores salários e recolhem mais impostos, o que financia esse círculo virtuoso.

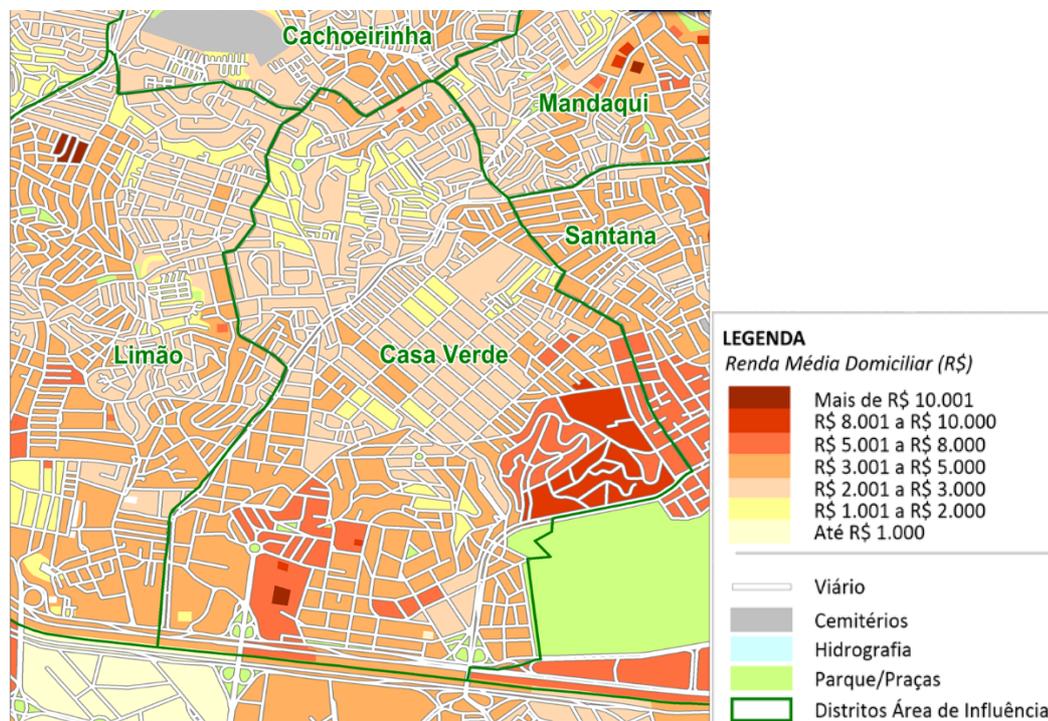
Trazer para o território lógica similar é trabalho do Nosso Núcleo Casa Verde, objetivando um papel de catalisação dos aspectos positivos contidos no DNA do território, que sem coordenação se manterão apenas como potenciais, a típica frase do Brasil como um país do Futuro, vale também para o território. Lembro a frase do livro *O Longo Amanhecer* (1999, p.26), no qual Furtado assinala de forma forte sua desilusão: “Em nenhum momento de nossa história foi tão grande a distância entre o que somos e o que esperávamos ser”. Se fizermos alguma coisa podemos falhar, mas se continuarmos inertes as consequências serão potencialmente piores.

2- CADEIAS PRODUTIVAS INSTALADAS

Um dos passos fundamentais na direção do desenvolvimento local, para além da vontade da população local e flutuante, é entender de que cadeias produtivas já dispomos no território, como têm se desenvolvido, como têm se aproveitado das cadeias produtivas locais e internacionais, quais são suas necessidades. Para isto contamos com um parceiro chave, a Urban Systems, que está fazendo o levantamento econômico georreferenciado

do território da Casa Verde, a fim de termos noção clara das lacunas de um território com grande variação de renda e distribuição de empregos e tipos de empresa (Figura 1).

Figura 1- Distribuição de renda no território da Casa Verde.



Fonte: IBGE, Urban Systems, 2020

No caso do Nosso Núcleo Casa Verde buscamos incentivar as cadeias produtivas instaladas no território, é útil o conceito de desenvolvimento endógeno, no qual as empresas ampliam as relações informais entre elas por meio de contato direto dos empresários e seus técnicos, subcontratando atividades entre elas com acordos de cooperação e alianças estratégicas. Isto possibilita os modernos sistemas de trabalho em rede de empresas, aumentando suas eficiências e diminuindo seus custos de transação, seguindo uma estratégia territorial, o que leva à melhoria da competitividade e do posicionamento em mercados (BARQUERO, 2002, pag. 241).

2.1 – SETORES + EMPREGOS PARA 2021

Temos para 2021 uma emergência econômica para lidar, o que nos levou a buscar entender mais profundamente os setores econômicos locais e suas necessidades de mão de obra. No estudo realizado, cujos resultados são resumidos na Tabela 1, fica claro o crescimento no território do setor de atenção a saúde e serviços na área de tecnologia da informação, o que deve ainda ter melhorado neste ano de 2020 (teremos estes dados no início de 2021) em função da necessidade de digitalização das empresas, que viram de

uma hora para outra a necessidade de trabalhar remotamente e acessar seus consumidores de forma virtual.

Tabela 1- Empregos em Serviços, Comércio e Indústria -Núcleo Casa Verde

NÚCLEO CASA VERDE

EMPRESAS E EMPREGOS - SETOR DE SERVIÇOS

PRINCIPAIS SUBSETORES DE SERVIÇOS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA E CASA VERDE 2013-18							
CNAE Divisão	Área de Influência - Empregos			Casa Verde - Empregos			Empresas Casa Verde
	2013	2018	TGCA 13-18	2013	2018	TGCA 13-18	
Atividades dos Serviços de Tecnologia da Informação	3.814	5.874	9,0%	121	3.456	95,5%	30
Atividades de Atenção À Saúde Humana	7.414	11.080	8,4%	216	3.414	73,7%	87
Atividades de Vigilância, Segurança e Investigação	8.653	11.976	6,7%	3.091	2.595	-3,4%	21
Serviços Para Edifícios e Atividades Paisagísticas	12.859	12.785	-0,1%	2.273	1.552	-7,3%	130
Serviços de Escritório, de Apoio Administrativo	13.118	11.685	-2,3%	1.073	1.438	6,0%	140
Educação	8.110	11.343	6,9%	1.034	1.328	5,1%	79
Transporte Terrestre	4.910	4.999	0,4%	701	1.115	9,7%	76
Alimentação	10.424	8.909	-3,1%	2.565	1.081	-15,9%	179
Atividades Jurídicas, de Contabilidade e de Auditoria	2.361	2.606	2,0%	625	687	1,9%	77
Aluguéis Não Imobiliários e Gestão de Ativos Intangíveis	1.559	1.498	-0,8%	462	532	2,9%	63
Atividades de Organizações Associativas	3.527	3.236	-1,7%	342	529	9,1%	44
Atividades de Serviços Financeiros	2.104	1.973	-1,3%	367	345	-1,2%	33
Alojamento	703	674	-0,8%	268	270	0,1%	13
Armazenamento e Atividades Auxiliares dos Transportes	1.909	1.632	-3,1%	347	198	-10,6%	46
Correio e Outras Atividades de Entrega	651	377	-10,3%	237	197	-3,6%	12
Atividades de Prestação de Serviços de Informação	332	578	11,7%	55	175	26,0%	23
Reparação e Manutenção de Equipamentos de Informática	1.035	563	-11,5%	185	155	-3,5%	24
Seleção, Agenciamento e Locação de Mão de Obra	1.280	1.278	0,0%	47	148	25,8%	4
Outras Atividades de Serviços Pessoais	1.323	970	-6,0%	130	146	2,3%	43
Atividades Esportivas e de Recreação e Lazer	1.042	1.125	1,5%	64	123	14,0%	23
Edição e Edição Integrada À Impressão	1.146	603	-12,1%	355	115	-20,2%	14
Atividades Imobiliárias	570	647	2,6%	85	107	4,7%	38
Atividades Auxiliares dos Serviços Financeiros, Seguros	794	533	-7,7%	70	87	4,4%	32
Atividades de Atenção À Saúde Humana Integradas	467	393	-3,4%	45	83	13,0%	10
Outros	11.817	6.299	-11,8%	555	339	-9,4%	82
Total	101.922	103.636	0,3%	15.313	20.215	5,7%	1.323

EMPRESAS E EMPREGOS - SETOR DO COMÉRCIO

PRINCIPAIS SUBSETORES DO COMÉRCIO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA E CASA VERDE 2013-18							
CNAE Divisão	Área de Influência - Empregos			Casa Verde - Empregos			Empresas Casa Verde
	2013	2018	TGCA 13-18	2013	2018	TGCA 13-18	
Comércio Varejista	27.998	26.018	-1,5%	5.930	5.546	-1,3%	695
Comércio Atacadista	6.971	5.779	-3,7%	2.086	1.946	-1,4%	224
Comércio e Reparação de Veículos Automotores e Motos	4.025	3.726	-1,5%	1.196	1.010	-3,3%	206
Total	38.994	35.523	-1,8%	9.212	8.502	-1,6%	1.125

EMPRESAS E EMPREGOS - SETOR INDUSTRIAL

PRINCIPAIS SUBSETORES INDUSTRIAIS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA E CASA VERDE 2013-18							
CNAE Divisão	Área de Influência - Empregos			Casa Verde - Empregos			Empresas Casa Verde
	2013	2018	TGCA 13-18	2013	2018	TGCA 13-18	
Total	17.755	13.835	-4,4%	5.031	3.631	-10,0%	309

A tabela de indústria está resumida somente com os totais sem detalhar setores

Fonte: Urban Systems

Como podemos observar na Tabela 2, o emprego dos três setores - serviços, comércio e indústria - têm respectivamente uma variação de 2013 a 2018 de +32,01%, -7,71% e -27,83%. O aumento de 9,45% do total empregado no agregado só foi possível em função do crescimento do setor de serviços.

Tabela 2- Empregos por setores na Casa Verde:

Setores	2013	2018	variação
Serviços	15.313	20.215	+32,01%
Comércio	9.212	8.502	- 7,71%
Indústria	5.031	3.631	-27,83%
Total	29556	32348	+ 9,45%

Tabela: Elaborada pelo autor a partir dos estudos Urban Systems, 2020

A depender da qualidade dos empregos criados no setor de serviços frente aos empregos e salários perdidos, principalmente na indústria local, poderemos ter uma avaliação mais correta se estes setores já se mostram fomentadores reais de melhoria na renda local. Neste momento estamos no Núcleo, em parceria com a Urban Systems, levantando estes micros dados para auxiliar na compreensão e pontual estímulo, conectando as demandas de vagas com a escola técnica local e as Universidades parceiras, USP, PUC, FEI E MAUÁ, para aportar ainda mais tecnologia a produtos e serviços desenvolvidos por estas empresas, *core* do hub de inovação, função chave do Nosso Núcleo Casa Verde.

Para agilizar o encontro de vagas nas empresas locais pela população do território, solicitamos para o início de 2021 acrescentar à plataforma Taqui uma área onde as empresas locais possam colocar suas necessidades de mão de obra e as pessoas suas competências. Assim será possível a geração de empregos mais próximos da residência dos trabalhadores, diminuindo o custo para as empresas e a qualidade de vida dos moradores locais, além do mapeamento para as universidades parceiras e os colégios técnicos de quais as demandas de treinamento pontuais ou cursos de longa duração por parte das pessoas e empresas.

Este cruzamento de demandas por mão de obra e o estímulo às empresas locais, conseguindo mão de obra especializada mais próxima, com possibilidade de treinamento de qualidade através dos parceiros acadêmicos do Nosso Núcleo, pode aumentar a velocidade de aprendizado no território, por intermédio da tecnologia do Taqui, que irá diminuir o custo de localizar um emprego ou um colaborador, gerando um ambiente de ganha-ganha na região. Pois como defendem Paulo Gala e André Roncaglia (2020), não basta treinar as pessoas, é importante que elas encontrem empresas que possam empregá-las, fazendo o que aprenderam a fazer, aumentando o valor agregado da produção local, que vai se desdobrar em melhores salários e condição de atração de melhores empresas para a região, que disporá de um ecossistema de educação e aprendizado tácito,

compartilhado pelas empresas locais, aproximadas pelo Nosso Núcleo Casa Verde e seus parceiros.

O que estamos propondo aqui é um planejamento estratégico e econômico, que são minhas áreas de especialização em administração e em economia, em que ministro aulas há mais de 10 anos Mas se não usarmos o enorme potencial que existem nas universidades parceiras, por meio de consultorias e/ou extensões universitárias, conectando-se com as necessidades da região, e com a criatividade própria do ambiente empreendedor, estaremos perdendo a oportunidade de gerar a nossos filhos uma vida mais confortável, saudável e sustentável do que poderiam ter. “Pensar o desenvolvimento econômico não é um luxo. É uma necessidade” (GALA e RONCAGLIA, 2020, p. 33).

2.2 – GERAÇÃO DE RENDA

Em um território tão diverso na renda das famílias (mas também muito similar à cidade de São Paulo, vide Tabela 2), vamos encontrar 22% das famílias com renda de até dois salários mínimos, fora os desempregados das classes de renda superiores gerados com a crise de 2020 e com a eliminação até o momento do auxílio emergencial que, salvo tenham uma poupança relevante, devem ter suas condições financeiras severamente prejudicadas.

Tabela 2 - Domicílios particulares e permanentes por faixa de renda, Casa Verde e São Paulo

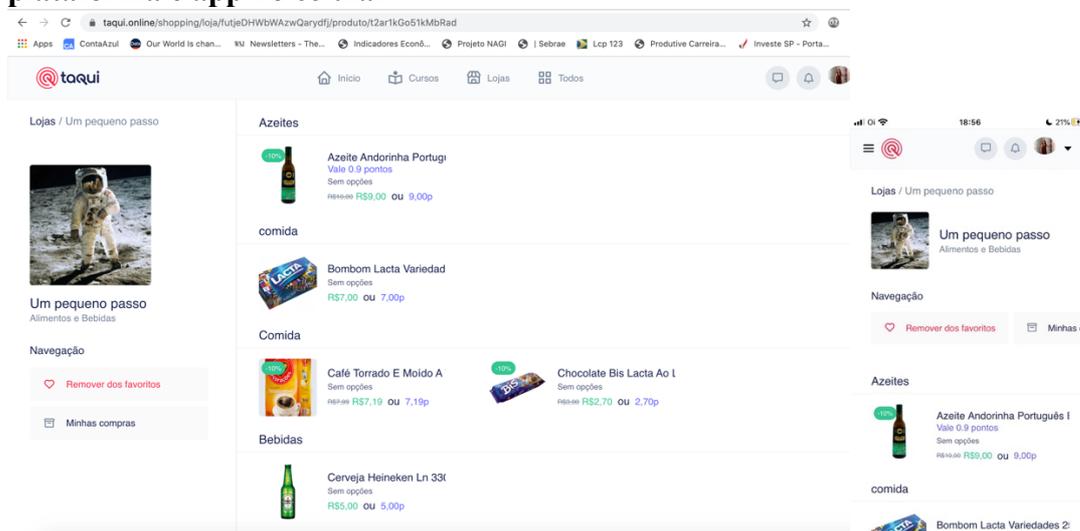
Distritos	Domicílios particulares permanentes								
	Total ⁽¹⁾	Classes de rendimento nominal mensal domiciliar (salário mínimo)							
		Até 1/2	Mais de 1/2 a 1	Mais de 1 a 2	Mais de 2 a 5	de 5 a 10	Mais de 10 a 20	Mais de 20	Sem renda
Casa Verde	27.035	61	1.176	3.419	8.895	6.714	3.802	1.486	1.475
São Paulo	3.574.286	20.129	225.166	588.778	1.212.485	714.900	380.801	224.798	202.016
%Casa Verde	100%	0%	4%	13%	33%	25%	14%	5%	5%
% MSP ⁽⁴⁾	100%	1%	6%	16%	34%	20%	11%	6%	6%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010. Elaboração: SMDU/Dipro

Para minorar o problema de geração de renda, o Nosso Núcleo Casa Verde, a partir do parceiro tecnológico Taqui, vai disponibilizar a partir do início de 2021, conforme o novo cronograma, um *marketplace* onde todas as pessoas do território podem ter gratuitamente uma loja de produtos ou serviços dentro do aplicativo e plataforma Taqui (Figura 2), pagando uma taxa de transação (dependendo da forma de pagamento, cartão de crédito, boleto etc.) somente a partir de uma venda executada pela plataforma. Foram negociadas taxas de cartão junto aos principais adquirentes, via nosso parceiro de meios de pagamento, para propiciar que tanto a dona Maria que faz bolo em sua casa

quanto o maior comerciante ou industrial do bairro possam ter taxas que não inviabilizem o seu negócio e os tornem competitivos no mercado.

Figura 2 – Marketplace Taqui⁴ – Localiza Produtos e serviços na região, em plataforma e app no celular



É realmente muito interessante notar como a percepção das lideranças locais, independentemente do seu grau de instrução, são muito aguçadas, corroborando com a tese da inteligência da cultura popular. Em uma das reuniões do Nosso Núcleo onde estávamos propondo o aplicativo que localizasse produtos e serviços no bairro e no mesmo local pudessem ser fechados os negócios, uma participante disse que sempre pensou nesta possibilidade, e que até tinha falado sobre isto com um irmão, mas este disse que isto já existia, que bastava entrar em um buscador da internet e você conseguiria achar o que precisava. Todavia ela argumentou que quando buscou comprar material de construção de uma empresa do bairro e fez pesquisas em um destes buscadores, a única resposta que vinha é de um grande varejista multinacional da construção, e o que ela desejava era comprar no bairro de um varejista local. Logo a ferramenta para ela seria muito útil, pois mudava a lógica de que aparece nos buscadores tradicionais quem paga, e não quem está próximo, beneficiando quem não dispõe de recursos para digitalizar seu negócio e nem aparecer por falta de verba de propaganda.

O exemplo acima deixa muito claro, a dificuldade do pequeno negócio local em competir com os grandes conglomerados, afastando o grande criador de empregos, a pequena empresa local, da sobrevivência. No Brasil “o ideal Keynesiano de pleno

⁴ O Taqui pode ser acessado por: www.taqui.online ou nos celulares nas lojas do Androide ou Apple Store buscando por taqui.online.

emprego foi abandonado, o que acarreta a degradação do tecido social, com aumento de criminalidade e enfraquecimento da coesão comunitária” (FURTADO, 1999, p. 14). O Estado tem mais preocupação em prestar contas ao dito “mercado” do que olhar para o que é central para a cidadania, que são saúde, educação, segurança e emprego.

É contra este estado de coisas que acreditamos que, com nosso parceiro tecnológico Taqui e outros parceiros que teremos à frente, poderemos minimizar o desemprego estrutural que temos no território.

2.2 - ECONOMIA CIRCULAR, ECONOMIA CRIATIVA E COMO IMPULSIONAR AS CADEIAS PRODUTIVAS LOCAIS

Como já salientamos anteriormente, o território tem um grande potencial nos setores ligados à economia criativa⁵, como música, dança e demais áreas. A falta de uma melhor coordenação do território gera um fluxo irregular e descontínuo, com apenas alguns lugares usufruindo deste fluxo de renda externa ao território, que com um plano de eventos, um calendário organizado, podemos criar vários circuitos como o cultural, esportivo e gastronômico, colocando o território no mapa mental da cidade de SP como polo cultural popular.

Estamos conversando com diversas empresas locais com foco em gerar uma Economia Circular, que resumidamente propõe que os resíduos de uma indústria sirvam de matéria prima reciclada de outra empresa ou da sua mesma. Queremos também desenvolver produtos que possam ser reaproveitados de maneira mais fácil e produtiva, diminuindo o impacto no meio ambiente, pois os insumos se matam no ciclo produtivo. A tendência das novas gerações em compartilhar bens ao invés de possuí-los pode nos ajudar neste caminho de menor impacto ambiental e ajudar a salvar o planeta.

Quando pensamos em aproveitamentos produtivos podemos estar pensando inclusive em aproveitar capacidades produtivas locais, sub utilizadas por determinadas cadeias produtivas mas que podem ser usadas em outras cadeias locais, diminuindo os

⁵ Economia criativa é o conjunto de negócios baseados no capital intelectual e cultural e na criatividade que gera valor econômico. A indústria criativa estimula a geração de renda, cria empregos e produz receitas de exportação, enquanto promove a diversidade cultural e o desenvolvimento humano. A Economia Criativa abrange os ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam criatividade, cultura e capital intelectual como insumos primários. Concretamente, a área criativa gerou uma riqueza de R\$ 155,6 bilhões para a economia brasileira em 2015, segundo “[Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil](#)”, publicado pela Firjan em dezembro de 2016.

investimentos iniciais em aumento de capacidade produtiva, aumentando a produtividade local.

Não nos esqueçamos que a estrutura produtiva é relevante e facilita o desenvolvimento econômico sustentável. Indústria e serviços sofisticados têm maior potencial de gerar bons empregos e ótimos salários, pois são nesses setores que estão os grandes ganhos de produtividade (GALA e RONCAGLIA, 2020, p. 46).

A existência de cadeias produtivas no nosso território não é suficiente para a consciência de que há interesses comuns entre seus distintos elos. Normalmente acontece o contrário, no primeiro momento a percepção dos conflitos de interesses entre fornecedores, que afinal estão buscando ampliar seus preços e rentabilidade, e clientes, que a princípio buscam deprimir os custos e melhorar a qualidade dos insumos demandados, tende a se sobrepor à consciência da unidade estratégica de interesses dos distintos elos. Mas a Teoria dos Jogos (NASH, 1950) ensina que a recorrência de jogos e processos de negociação tende a fortalecer a consciência da prevalência dos interesses estratégicos, que estes sim são comuns, sobre os conflitos iminentes às relações de cada elo com seus fornecedores e clientes imediatos. Nestes sistemas não existe a possibilidade da cooperação e competição andarem separados, são denominados “sistemas “coopetitivos”. Um governo ou, neste caso, o Nosso Núcleo (composto, por governo local, empresários, universidades e comunidade), consciente das particularidades destes sistemas, devemos trabalhar para a constituição de um sistema de governança das cadeias voltado ao enfrentamento de gargalos e à promoção de estratégias concertadas, com foco na obtenção de equilíbrios ótimos e de soluções ganha-ganha. Com isto realizado, praticamente asseguramos os elementos necessários à superação do “dilema de Hirschman”, que é a crônica dificuldade de priorização de dispêndios e investimentos pelo setor público em regiões subdesenvolvidas (PAIVA, 2013, p. 153).

Para terem melhores condições de desenvolvimento, os territórios devem contar com um sistema de instituições que permitam gerar bens públicos e relações de cooperação entre os entes do território que contribuem para o aprendizado e a inovação. Nossa ideia é que o Núcleo Casa Verde desempenhe este papel, construindo sinergias, por meio de um objetivo claro e comum que alavanque o território. Importante então que o território construa uma rede de relações envolvendo empresas, instituições de ensino e de pesquisa, associações empresariais, sindicatos e governos locais. Com isto podemos utilizar de maneira compartilhada os recursos locais e melhorar a competitividade geral.

A política de desenvolvimento econômico local, endógena, está associada a uma estratégia de baixo para cima, em que os atores locais têm papel preponderante na definição, controle e implementação. A ideia do Nosso Núcleo é utilizar formas de organização em rede, para construir uma sinergia, pois isto permite ao território conhecer e entender a dinâmica do sistema produtivo local e suas instituições, podendo alinhar iniciativas e executar ações que compõe a estratégia de desenvolvimento do território. Acreditamos que se estas estratégias forem executadas com foco em prover também melhores condições de vida à população local, por meio de oportunidades de maior valor agregado, contribuiremos para um território gerido de forma sustentável (BARQUEIRO, 2002).

A plena superação do “dilema de Hirschman”, contudo, envolve um último passo, que não escapa à análise de Goldratt, mas encontra seu pleno desenvolvimento em um trabalho de pesquisa do final dos anos 1950: *The Theory of the Growth of the Firm*, de Edith Penrose (1959). Neste trabalho, Penrose procura demonstrar que, ao contrário do que supõe o senso comum ricardiano, os processos inovativos mais bem-sucedidos não estão associados nem a revoluções técnico-científicas nem a investimentos em novos equipamentos. A típica inovação schumpeteriana está associada ao aproveitamento criativo e inusual de recursos disponíveis que se encontram parcialmente ociosos ou são utilizados de forma subótima, nos sistemas produtivos convencionais (PAIVA, 2013, p. 163).

Ora, todo o sistema encadeado tem gargalos. E todo o sistema que tem gargalos, tem sobras. A outra face do gargalo é a redundância relativa, em maior ou menor grau, de recursos e equipamentos alocados nos “não-gargalos”, nas “bitolas largas” do sistema. Para obtermos no nosso território um processo inovativo mais eficaz, de maior rentabilidade por unidade de dispêndio será fundamental dar aproveitamento econômico original a recursos cuja mobilização envolve “dispêndio próximo de zero”. Neste ponto chegamos ao cerne do programa de desenvolvimento regional de base endógena (PAIVA, 2013, p. 173).

Para nosso projeto fugir da regra geral, onde os exogeneístas defendem que as regiões periféricas não podem arcar com os elevados custos dos investimentos, sejam em equipamentos ou infraestrutura, e das inovações, que normalmente estão ligadas a custosas pesquisas básicas geradoras de inovações tecnológicas disruptivas, custos estes que seriam necessários à promoção do desenvolvimento de qualquer território. Precisamos lembrar que a teoria endógena procura demonstrar que o ponto de partida do

desenvolvimento regional não pressupõe necessariamente investimentos pesados, podendo se basear no aproveitamento dos recursos do território que definem “a sua” vantagem absoluta, ou talvez vantagens (dependendo do que for encontrado). É claro que esta lógica tem suas limitações. Todavia este ponto de partida será eficiente desde que o nosso território alcance integrar verticalmente parcela expressiva da cadeia produtiva articulada à montante e/ou à jusante de seus elos originais. Ao longo do processo de encadeamento, surgem gargalos e redundâncias. Os investimentos efetivamente necessários à ampliação do fluxo de renda são tão somente aqueles que se dirigem ao alargamento dos gargalos. E o fluxo de renda regional, desde que o sistema produtivo se encontre sob controle dos domiciliados no território, deve ser suficiente para financiar estes investimentos indispensáveis (PAIVA, 2013, p.179).

O processo de crescimento do nosso território, contudo, não ficará restrito ao fortalecimento dos elos fracos e alargamento dos gargalos. Os não gargalos são parte fundamental do processo, mas a mobilização dos recursos redundantes dos não gargalos não pressupõe investimentos pesados, pelo contrário. Os investimentos-chaves estão no centro do processo definitivo de diversificação produtiva do território, pois enquanto a diversificação se restringir ao processo de encadeamento, integração vertical, ela não suprime a dependência do território das vendas de um único ou de uns poucos produtos.

Para atingirmos melhores resultados a diversificação por integração vertical é apenas o ponto de partida natural e mais simples, pois se volta ao atendimento de uma demanda local previamente estabelecida, da diversificação produtiva regional. Onde podemos de fato fazer diferença para o território no longo prazo é com a diversificação efetivamente superadora da hiper-especialização que caracteriza os momentos iniciais do desenvolvimento periférico depende do aproveitamento dos recursos subutilizados dos não-gargalos para o atendimento de outras demandas externas. Se conseguirmos aproveitar estes momentos, as cadeias locais podem evoluir para sistemas em rede e se avança em direção a arranjos produtivos e sistemas produtivos locais de crescente complexidade. O desenvolvimento regional endógeno assentado em atividades X propulsivas⁶, cadeias regionais e arranjos produtivos locais são momentos distintos de um único processo. Esta relação só não é auto-evidente porque inúmeros processos ficam

⁶ Há três tipos de cadeias propulsivas: as exportadoras (X Propulsivas), as baseadas em transferências governamentais (G Propulsivas) e as baseadas na oferta de serviços a agentes não domiciliados (TrS Propulsivas)

truncados pela especialização do território em atividades X propulsivas de cadeia curta. Se houver no nosso território apenas sistemas de cadeia curta, nem emergem gargalos, capazes de articular o esforço coletivo em prol de sua superação, nem emergem equipamentos redundantes em não-gargalos, que são as bases “naturais” da diversificação horizontal e da constituição de arranjos produtivos locais (PAIVA, 2013, p.155).

Para o nosso desenvolvimento econômico de forma sustentável e endógena acontecer, pressupõe que possamos transformar a sinergia potencial, que já existe no território, em sinergia real, o que fará a produtividade de todos os agentes do território crescerem. Um objetivo comum acordado é fundamental para manter a tendência de sinergia do território.

O processo de desenvolvimento das cadeias produtivas locais é premente, pois quanto mais tempo demora para ser levado a termo mais difícil torna-se concorrer no mercado. Nosso objetivo é ser capaz de criar, ou fomentar, empresas que possam concorrer num futuro na liga mundial de empresas, como diz Paulo Gala, é lá nesta liga de campeões internacionais que está o grande valor agregado (GALA; RONCAGLIA, 2020, p. 70).

3 - INOVAÇÃO E TECNOLOGIA COMO CATALISADOR DE SOLUÇÕES E OS FINANCIAMENTOS DO PROCESSO.

Para que o Nosso Núcleo Casa Verde tenha êxito, ao menos parcial em seus objetivos, é necessário o engajamento da população local, a partir das suas lideranças, o que pressupõe que as demandas de cada grupo sejam descobertas, discutidas e compartilhadas, o que pode ser facilitado com o uso de tecnologias da informação.

Nossa hipótese é que a partir deste fortalecimento cívico e de um diagnóstico das cadeias produtivas instaladas, confrontando as expectativas de setores de grande crescimento previsto para as próximas décadas, é possível construir conjuntamente um projeto de desenvolvimento para o território. A pesquisa evidenciou ainda que a criação de ecossistemas de inovação, hoje denominados habitats de inovação, impulsionam a inovação no território (CAMILHER-ALMEIDA, 2018, p. 102).

Estes locais, além de serem áreas de pesquisa e conexão das organizações do território com as universidades, são locais onde os membros deste ecossistema residem, compram, pesquisam, desenvolvem, produzem e se divertem, ampliando o contato com a comunidade e amplificando o potencial de integração. Este projeto se materializa com a criação de um Núcleo de inovação e conexão do território, núcleo este responsável por

desenvolver em conjunto um objetivo comum claro, mensurável e transparente de forma que todos possam perceber a situação atual e evolução do território por meio do monitoramento dos planos de ação desenhados para gerar uma melhor qualidade de vida, usando indicadores que realmente colham os avanços dos objetivos.

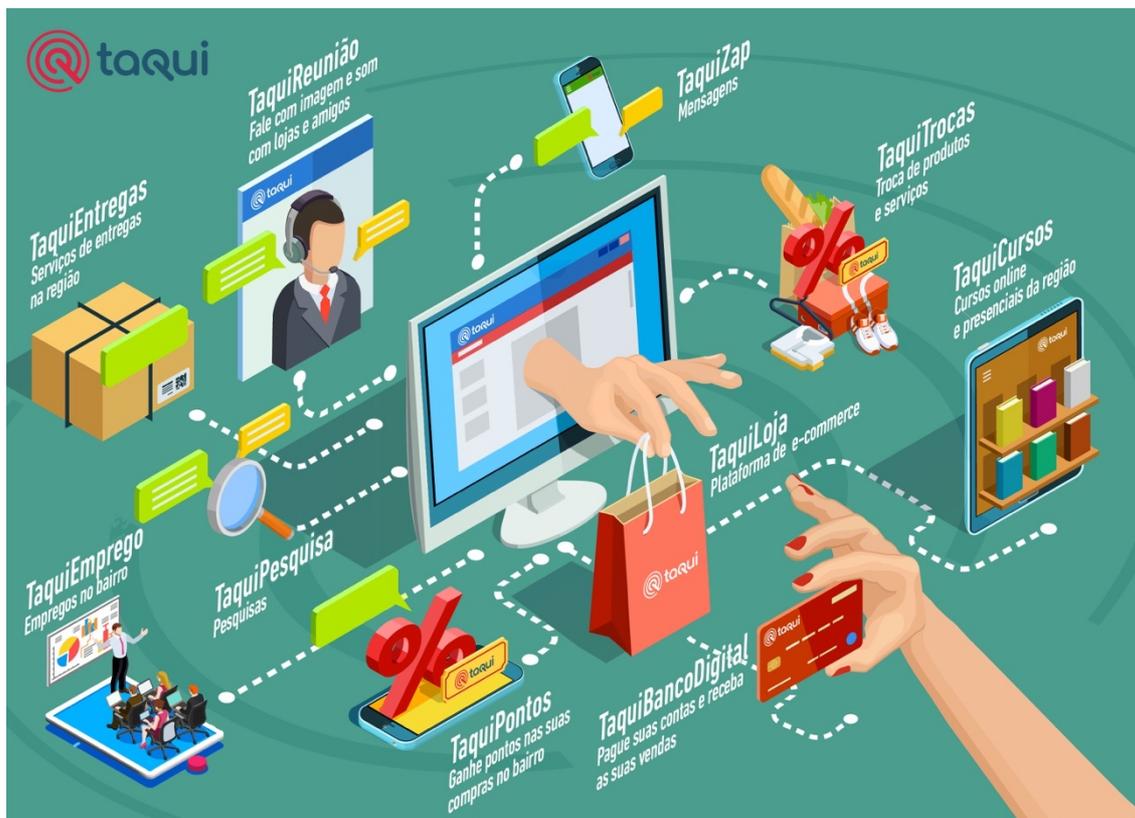
Ainda falando em inovação, ela não precisa ser disruptiva, pois a simples melhora do processo produtivo pode modificar o custo para qualquer indústria. Se este ganho se encadear e se repetir, podemos ter avanços em cadeias produtivas importantes.

3.1 - PARCEIROS CHAVE NA TECNOLOGIA

O ano de 2020 pediu uma mudança de foco e prioridade. Antes de desenharmos com cuidado as cadeias produtivas locais, seus problemas e conectá-las com os parceiros acadêmicos para gerar incremento produtivo e de valor em produtos e serviços, nos deparamos com demandas urgentes que nos fizeram construir no momento zero do projeto ferramentas tecnológicas (Figura 3) para:

- a) aproximar as pessoas, mantê-las em contato: Taqui Zap e Taqui Reunião;
- b) entender o que é importante para a população local: Taqui pesquisa;
- c) localizar empresas e produtos no território; Taqui Loja
- d) gerar renda em todos os níveis de atividade locais, via ferramenta de *marketplace*, criando lojas para todas as pessoas e empresas que assim desejem;
- e) fazer parceria com meios de pagamento para termos contas digitais disponíveis para todas as pessoas e empresas no território;
- f) encontrar empregos locais;
- g) trocar produtos e serviços;
- h) fomentar o comércio local através de um sistema de pontos, gerando multifidelidade nas compras com o território;
- i) fornecer um ambiente de cursos virtuais, com possibilidades de cursos pagos ou gratuitos, já sendo utilizado por mais de 300 alunos;
- j) além da ideia de fomentar os entregadores locais e empresas de transporte, numa cooperativa que permita entregar localmente com velocidade, deixando o valor agregado para a cooperativa e não para o aplicativo.

Figura 3 – Funcionalidades do Taqui



Fonte: Taqui

Buscamos com todas estas ferramentas implementadas pelo nosso parceiro Taqui, diminuir o custo de aquisição de clientes, divulgar o que existe no bairro, colocando o território todo no mundo digital. Isso permitirá que nossa Dona Maria, produtora de bolos na região que hoje vende apenas dois bolos por dia porque a maioria das pessoas do território não sabem que ela existe e da qualidade de seus produtos, pois ela não tem recursos para investir em *marketing* digital para “bombar nas redes”, entre no jogo com condições mais equilibradas e gere a renda que ela precisa para viver.

O Taqui Loja vai permitir o surgimento de uma série de negócios a partir de ideias que todos temos, diminuindo as barreiras de entrada⁷, pois os custos de transação serão menores a todos. Se as pessoas do território começarem a debater e votar no que desejam para 2022, 2030 e 2050 a partir das propostas colocadas na plataforma pelas lideranças locais, sentirem confiança que a plataforma pode gerar renda e localizar provedores de necessidade locais, ajudando a melhorar a renda e aumentar o emprego no território, podendo prover cursos virtuais para diminuir o hiato entre formação atual das pessoas do

⁷ Características de mercado que impõe um custo ou impedem a entrada em determinados mercados.

bairro e as vagas locais disponíveis, estaremos entregando via tecnologia uma vida com mais qualidade a todos que da plataforma usufruírem.

A equipe do Taqui irá destinar parte dos recursos captados pela plataforma após o pagamento de seus custos, para o Nosso Núcleo Casa Verde, para que possa prover os encontros das cadeias produtivas e organizações do território, com as universidades parceiras e escolas técnicas, para que possamos subir na escada produtiva, gerando melhores produtos e serviços, que demandarão mais qualificação da mão de obra, que pagará melhores salários e atrairá cada vez mais empresas ao território.

Claro que esses objetivos mais qualitativos vão concorrer no curto prazo com algo que pode minorar a dificuldade de muitas empresas locais, mesmo as mais simples. Por exemplo, o Nosso Núcleo pode ajudar essas empresas a se prepararem para fornecer para as instituições locais ou não que recebem recursos públicos que, conforme o Decreto n. 56.475, de 5/10/2015, são obrigadas a priorizar MEs e EPPs no fornecimento de bens e serviços⁸ para a municipalidade. Há também uma lei federal de mesmo espírito.

Logo o Nosso Núcleo Casa Verde deve ajudar a catalisar a melhoria no ambiente de negócios, com tecnologia ou apoio técnico administrativo, gerando melhores condições de concorrência para as empresas locais, aumentando seus faturamentos e com isto o potencial de emprego e renda local.

Como diz Marcio Pochmann (2011), podemos ter o Brasil da Fama (Fazenda, Mineração e maquiladoras⁹) ou o Brasil VACO (Valor agregado e Conhecimento), que vai ajudar a criar melhores empresas e salários. Para isto precisamos fazer uma escolha: planejar o futuro ou viver da falta de planejamento e seus dilemas.

Outra grande vantagem de se construir redes produtivas locais é que estas não viajam bem, não são bens transacionáveis (ou *tradeability*, como visto nos trabalhos de Gunnar Myrdal, pioneiro do tema). Se desenvolvermos redes locais com o apoio da academia, estas tendem a trazer mais concentração de empresas do que perdê-las para outros territórios (GALA e RONCAGLIA, 2020, p. 77).

Na metáfora feita por Hidalgo e Hausmann, o desenvolvimento econômico funciona como peças de Lego®: os territórios que se desenvolveram no mundo têm uma diversidade produtiva (muitas peças de Lego®), que podem formar “brinquedos” complexos, logo de alto valor agregado (GALA e RONCAGLIA, 2020, p. 93).

⁸ <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-56475-de-05-de-outubro-de-2015/detalhe>

⁹ Empresas que importam peças e partes, montam localmente, sem agregação significativa de valor.

3.2 – FINANCIAMENTO E INCENTIVOS

Existem muitas fontes de financiamento para inovação e tecnologia. O Estado de São Paulo, via FAPESP por exemplo, tem linhas para desenvolvimento de produtos e serviços, via tecnologia aplicada incentivando as universidades e seus pesquisadores a contribuírem com empresas privadas, gerando inovação, com o intuito claro de aumentar a geração de ICMS para o estado.

Nas pesquisas que fizemos para o Nosso Núcleo Casa Verde, localizamos instituições internacionais com possibilidade de financiamento de longo prazo em reais (eliminando risco de câmbio), como a OIKO Credite¹⁰ para as áreas de inclusão financeira, micro crédito, agricultura para segurança alimentar no nível local e energias renováveis.

A depender das necessidades das cadeias produtivas locais e do desejo de sua população e suas necessidades, vamos conectar as universidades com as empresas e com as organizações locais, gerando projetos de impacto para o território.

Na medida que os conhecimentos sejam disseminados no território, se espalhando pelas cadeias produtivas, os ganhos coletivos crescerão, uma vez que o conhecimento como fator de produção, não tem seu estoque diminuído à medida que se usa, muito pelo contrário, se multiplica de maneira documentada ou tácita (DOWBOR, 2020, p.92).

Neste ponto vale lembrar a frase de Thomas Jefferson: “Quem recebe de mim uma ideia recebe instrução sem diminuir a minha; quem acende o seu fogo no meu recebe luz sem me reduzir à escuridão” (DOWBOR, 2020, p.43).

Com os incentivos certos e um financiamento correto, talvez possamos catalisar o processo de desenvolvimento econômico sustentável do território. Isto pode nos permitir pular etapas no desenvolvimento, afinal como falava Furtado, o subdesenvolvimento não é uma etapa do desenvolvimento, rejeitando a tese de Rostow. Furtado enfatizava que o subdesenvolvimento é reflexo de um processo histórico-estrutural, que tende a se perpetuar caso não façamos de maneira consciente um planejamento para mudar as estruturas e o processo de industrialização (DINIZ, 2020, p. 90).

Outro ponto fundamental para que o processo de conexão das universidades com as empresas e instituições do território frutifique é que os indicadores de avaliação e incentivos aos professores sejam ligados também à extensão universitária, pesquisa

¹⁰ <https://www.oikocredit.coop/es/que-hacemos/%C3%A1reas-de-inversi%C3%B3n/inclusi%C3%B3n-financiera> acesso em 27/12/20

básica e aplicada e seus desdobramentos em inovações relevantes para a sociedade, o que muitas vezes é feito apenas de forma superficial.

O final do ano de 2020 e começo de 2021, período marcado pela pandemia do coronavírus, apresentou algumas vantagens: alguns preços macroeconômicos, como diriam Bresser-Pereira, Oreiro e Marconi (2016), estão corretos ou ao menos propiciam criar ou crescer empresas e indústrias locais, temos uma taxa de juros básica baixa, a inflação deve permanecer baixa, as pressões salariais estão contidas em função do desemprego e um câmbio depreciado. Logo, alguns desses preços podem incentivar uma substituição de importações e ainda temos um mercado nacional amplo, alguma coisa entre 85 a 90% do PIB (a depender do câmbio).

Se conforme falamos, conseguirmos localizar ou desenvolver produtos ou serviços de alto valor agregado, demonstrados claramente dentro do próprio Núcleo, podemos atrair as poupanças locais, como se faz na Alemanha, Polônia, França etc., para financiar projetos que todos possam ver a viabilidade e o sucesso, e assim trazer um círculo virtuoso de empreendedorismo por oportunidades no território.

Com isto, crescemos no médio prazo a renda das empresas e seus lucros, a renda do trabalho em atividades de maior valor agregado, diminuimos os custos de investimento e financiamento com as atividades compartilhadas do Núcleo em pesquisa e financiamento, gerando lucros financeiros locais, que juntamente com fontes de financiamento públicas podem aumentar o investimento em P&D, tudo isto acompanhado de um aumento de consumo local e talvez exportações de produtos e serviços para outros territórios.

Evitamos com nossa estratégia de desenvolvimento local sustentável o que está acontecendo mundo afora, onde a geração de mais dinheiro não precisa mais de máquinas ou investimentos produtivos, o sistema traz melhor retorno com as mãos sem graxa. Em outras palavras se há rendimentos do mercado financeiro maiores que nos mercados produtivos, dificilmente haverá investimento. O país passou por uma fase muito longa nos últimos anos com aplicações praticamente sem riscos rendendo algo entorno de 7 a 9% ao ano e o PIB crescendo entorno de 2 a 1% ao ano, logo a conta não fecha. O grosso da população não faz aplicação financeira, gasta o que ganha (DOWBOR, 2020, p.56). O cenário macro mudou, se continuar assim se abre uma janela de oportunidade, devemos e precisamos aproveitar.

A viabilidade das atividades do Nosso Núcleo, presentes e futuras, foram construídas através de parceiros. Na Tabela 3 apresentamos as etapas do Nosso Núcleo

Casa Verde, para o qual o valor orçado total de R\$ 2.391.584,00 já foi quase totalmente captado, faltando a definição da localização do Hub de Inovação (R\$ 250.000,00), que hoje fica no parceiro Opportunity Cowork.

TABELA 3- CRONOGRAMA 2021 NOSSO NÚCLEO CASA VERDE E CUSTOS

ETAPAS	CUSTO DA ETAPA	PATROCINADOR	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
MEDIÇÃO DE T-ZERO INDICADORES LOCAIS	R\$ 100.587,00	URBAN E WIZION	█											
LEVANTAMENTO SÓCIO ECONÔMICO E CADEIAS PRODUTIVAS DO BAIRRO	R\$ 570.997,00	URBAN E WIZION	█	█	█									
MAPEAMENTO DAS VONTADES DA POPULAÇÃO E	R\$ 220.000,00	TAQUI E WIZION	█	█	█									
LANÇAMENTO MARKETPLACE LOCAL	R\$ 400.000,00	TAQUI E WIZION		█	█	█								
LANÇAMENTO DO PLATAFORMA EMPEGO LOCAL	R\$ 100.000,00	TAQUI E WIZION		█	█	█								
ESTUDOS DE CADEIAS PRODUTIVAS COM POTENCIAL DE FUTURO	R\$ 350.000,00	INOVAMFRI E WIZION			█	█	█							
LANÇAMENTO PLATAFORMA DE CURSOS LOCAIS	R\$ 200.000,00	TAQUI E WIZION			█	█	█							
ENGAJAMENTO DA COMUNIDADE	R\$ 50.000,00	WIZION	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
LANÇAMENTO DO RELATÓRIO E DESENHO DO MAPA ESTRATÉGICO E CRIAÇÃO DAS IMAGENS DA CASA VERDE 2022, 2030 E 2040	R\$ 100.000,00	INSTITUTO WIZION					█	█	█					
CRIAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO DO NÚCLEO	R\$ 300.000,00	OPPORTUNITY COWORK	█	█					█	█				
TOTAL FASE I	R\$ 2.391.584,00													

FONTE: INSTITUTO WIZION, NOSSO NÚCLEO CASA VERDE

4 - MEIO AMBIENTE, TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

Quando falamos do desenvolvimento econômico local sustentável estamos dando peso ao tema sustentabilidade, não só no fator econômico, mas e principalmente no fator ambiental, que esteve na pauta do dia mundial até 2015 e 2016, mas que em função de uma virada brusca nas lideranças do mundo a partir de 2016 começou a andar para trás. Todavia, com a mudança dos ventos de 2020, principalmente nos EUA, mais o apoio e a visão estratégica de desenvolvimento da Europa e na China, sinaliza-se claramente uma preocupação internacional por uma espécie de Green New Deal, não somente buscando diminuir o impacto do *Homo sapiens* na terra, mas principalmente vendo uma grande oportunidade de crescimento econômico na mudança de uma produção mais verde com geração de energia limpa, renovável e menos poluente.

Podemos pegar esta onda ou somente continuar vendo a banda passar. Um exemplo que salta aos olhos é nossa pouca, ou se quiserem, nenhuma visão estratégica como país, evidenciada no fato do Brasil possuir uma das maiores jazidas de nióbio do mundo e uma empresa japonesa, em parceria com o grupo nacional detentor da jazida, ter produzido com esse minério uma bateria que consegue ser recarregada “n” vezes mais rapidamente que as tradicionais. E adivinhem onde será esta fábrica de baterias? No Japão, é claro! Não nos cansamos de perder oportunidades de criar empresas no Brasil com potencial de exportação para o mundo todo, de um produto com alto valor agregado, mas adoramos exportar uma *commodity*.

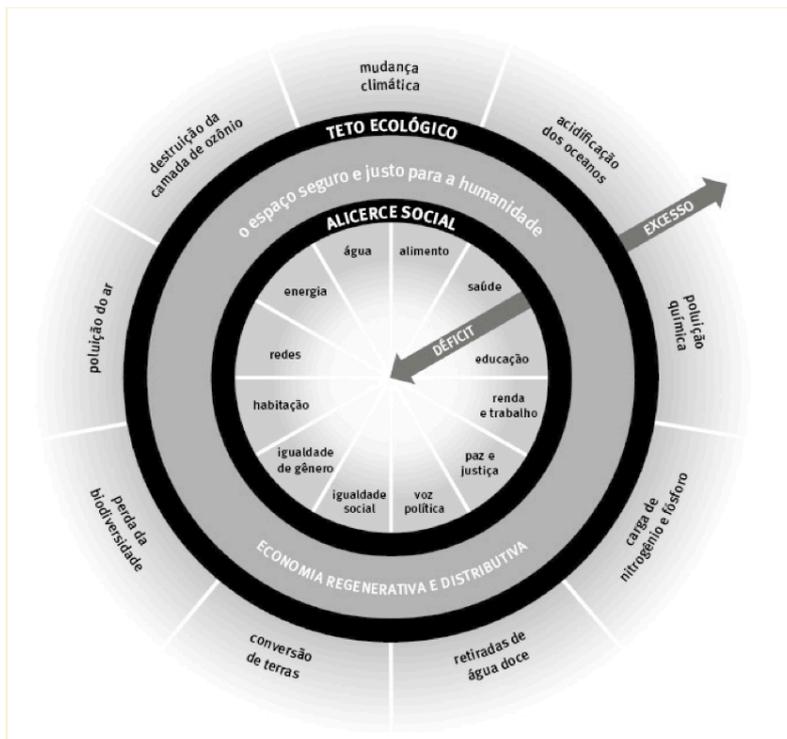
Se fizéssemos uma parceria com a vizinha Bolívia, que têm a maior reserva de lítio (matéria prima “*core*” das baterias), poderíamos ter um monopólio natural de um item fundamental para as novas tecnologias, que se valerão cada vez mais da necessidade de baterias. A própria Bolívia financiou uma indústria nascente de carros elétricos, se valendo deste recurso, e não para ficar explorando *commodities* e comprando tecnologia de fora.

Talvez possamos trazer para o nosso território alguma fase destas novas oportunidades e colaborarmos para este desenvolvimento de uma matriz mais verde para o planeta.

4.1 – OS LIMITES DO DESENVOLVIMENTO, “ECONOMIA *DONUT*” E *GREEN NEW DEAL*.

Ouvi no final de 2020 a economista Kate Raworth no Encontro “Economia de Francisco”, convocado pelo Papa para discutir a economia, com o chamado “Economia para as pessoas e não as pessoas para a economia”, realizado em Assis, Itália. Ela lembrou a todos dos limites inferiores e superiores das possibilidades econômicas do planeta. Em uma metáfora poderosa ela mostra (Fig. 4) que haveria na borda interna do *Donut* um alicerce social de bem-estar abaixo do qual ninguém deve cair, e na borda externa um teto ecológico de pressão planetária que não deveríamos transpor (RAWORTH, K., 2019, pos. 471kindle)

Figura 4- A Essência do Donut – Déficits e Excessos



Fonte: Livro a Economia do Donut, pos. 1089, kindle

Observar estes limites tanto inferiores quanto superiores parece fundamental para mantermos a coerência entre o que as pessoas precisam e o planeta pode. Kate Raworth (2019, pos. 732 kindle) propõe sete maneiras para pensar o século XXI, que conversam muito com o projeto do Nosso Núcleo Casa Verde, são eles:

- a) **Mudar o objetivo**, sair do paradigma do crescimento do PIB permanente, a qualquer preço, e se focar em atender no âmbito local e global as demandas dentro do espaço do *donut*, ou seja, o direito das pessoas dentro do limite do planeta.
- b) **Analisar o quadro geral de uma nova forma**, neste novo desenho da economia, integrada à sociedade e à natureza, com fontes renováveis de energia, com uma narrativa da integração do estado com a iniciativa privada, com o papel central do agregado familiar e a criatividade dos bens comuns.
- c) **Estimular a natureza humana**, contrapondo-se ao homem econômico racional do século XX, solitário e calculista, para revelarmos nosso novo auto retrato, como seres sociais, interdependentes e dependentes do ecossistema.

- d) **Compreender o funcionamento dos sistemas**, substituindo os modelos parciais de explicação, como as curvas de oferta e demanda, feitos de forma equivocada imitando o equilíbrio mecânico do século XIX, por um pensamento sistêmico da economia, e começarmos a administrar um sistema complexo, sempre em evolução, com menos dogmas.
- e) **Projetar para distribuir**, usar nossa criatividade para que possamos distribuir mais o valor criado. O Nosso Núcleo, com seu hub de inovação, pode ajudar a ter ganhos distributivos, pelas cadeias produtivas e já no momento inicial diminuirá a todos do território os custos de transação dos negócios através do aplicativo Taqui e suas funcionalidades.
- f) **Criar para regenerar**, ao invés de esperar o crescimento para limpar a matriz produtiva, criar a nova matriz com o paradigma do *Green New Deal*.
- g) **Ser agnóstico em relação ao crescimento**, fugir do gráfico de crescimento infinito, pois temos um mundo com potencial finito, e lidar com um modelo que nos faça prosperar, focando em desenvolvimento econômico, trazendo todos para dentro do *donut*.

Aproveitar a proximidade do território com a reserva de Mata Atlântica (principalmente na Serra da Cantareira), onde segundo especialistas¹¹, como na Amazônia, ainda existem muitas espécies de plantas a serem estudadas, pode ser mais uma possibilidade de criar cosméticos e fármacos, juntamente com pesquisadores das universidades parceiras, fazendo a floresta valer cada vez mais em pé do que derrubada.

4.2 - RENDA INDIRETA, BENS PÚBLICOS E EMPREGO.

A forma de um país ou território se desenvolver vai depender fundamentalmente, conforme falamos até aqui, de criar os produtos e serviços corretos, que por um lado agreguem valor, por outro respeitem o limite do planeta. Mas há um outro fator relevante para o sucesso do Nosso Núcleo em desenvolver e mostrar um modelo que possa ser replicado por outros territórios, que é, como dizia Furtado, se ater a que tipo de tecnologia estamos usando para o desenvolvimento, uma que importa bens de capital que reproduzem a cultura de outra sociedade, que pode neste momento estar incorporando

¹¹ Mata Atlântica, <https://www.ibflorestas.org.br/bioma-mata-atlantica>

menos mão de obra nas suas cadeia produtivas, ou estamos nos valendo de um desenvolvimento que se utiliza da capacidade da mão de obra local para diminuir o desemprego estrutural e aumentar capacidades de geração de renda locais?

Uma crítica feita tradicionalmente pelo *mainstream* sobre o sistema e competência das pessoas é que “Não é o sistema que é falho, e sim as pessoas que não dispõe de empregabilidade adequada seriam inempregáveis” (DOWBOR, 2020, p.70). No entanto, tal problema pode ser atacado tendo o cuidado de, num primeiro momento, empregar a base da população menos escolarizada em postos de empregos mais simples, porém disponíveis no território, além de propor frentes de trabalho em infraestrutura local. Tudo isso enquanto não as retreinamos para novas atividades de maior valor agregado. Tais medidas potencialmente melhorariam indicadores de saúde e bem estar da coletividade.

Podemos também agilizar a criação de um parque público, que foi uma das propostas que já apareceram nas pesquisas iniciais com as lideranças locais, já que no território todo não existe nenhum. A criação desse parque pode aumentar o que chamamos de salários indiretos que, assim como outros bens públicos como um hospital, uma escola com melhores cursos ou mesmo uma internet pública com livre acesso, etc., melhora a qualidade de vida da população sem a necessidade de um aumento de salário, e normalmente têm um impacto mais amplo, pois muitas pessoas podem ter acesso a estas melhorias, sem ter que pagar por elas, afinal foram pagos pelos impostos de todos (DOWBOR, 2020, p.123).

Há muitos caminhos que o Nosso Núcleo Casa Verde, juntamente com a sociedade local, pode trilhar. O grande desafio é conectar este universo de 88.000 pessoas e suas 29.000 famílias. O papel das lideranças e da tecnologia são centrais, os primeiros trazem a confiança, tão necessária a construção de projeto tão desafiador, o segundo permite a conexão com todo o território já praticamente no início das atividades do Nosso Núcleo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acho que conseguimos até aqui mostrar, com a visão de vários economistas, que o modelo de vantagens comparativas de David Ricardo, acabaria nos transformando, inclusive como estamos, em um país exportador de *commodities*. Propusemos neste capítulo um projeto de escuta ativa da população e organização do território, para que em

conjunto, pós uma análise cuidadosa do potencial instalado, das competências das pessoas locais e população flutuante, olhando sempre para as tendências da economia e do meio ambiente, com apoio em soluções tecnológicas do parceiro Taqui, gerar um planejamento estratégico e construir um desenvolvimento econômico sustentável para o bairro da Casa Verde.

Tudo isso por meio do incentivo à melhoria da tecnologia adotada na produção, bem como a qualificação dos trabalhadores engajados naquelas atividades, de sorte a gerar melhoramentos qualitativos e quantitativos, através de acordos com as universidades e escolas técnica parceiras e as empresas delas derivadas.

Como disse Friedrich List, se produzirmos e vendermos produtos caros porque fazemos o que poucos fazem, e comprarmos produtos baratos, que muitos fazem, nosso resultado será enriquecer. Por isto um país com grande capacidade produtiva de produtos de alto valor agregado são fortes defensores do livre mercado, nas suas palavras: “os países ricos ‘chutavam a escada’ do desenvolvimento após terem atingido um nível de avanço econômico e tecnológico”. Faziam isso para impedir que os países atrasados desenvolvessem suas próprias forças produtivas e se tornassem potenciais concorrentes no plano internacional (GALA e RONCAGLIA, 2020, p. 52). No território vamos tratar de construir a escada do desenvolvimento sustentável, trazendo para o território elementos do *Green New Deal*, que está influenciando as decisões de desenvolvimento mundo afora e pode ser um diferencial dos produtos locais muito importante.

Na abordagem de Furtado trouxemos o tema da dominação internacional a partir da situação de dependência, recriada permanentemente por meio dos elementos de dependência tecnológica, financeira e cultural que marcam o comportamento das classes dominantes brasileiras e de suas elites dirigentes. E propusemos uma construção de um desenvolvimento acolhendo nossas características culturais e fomentando-as, inclusive sem nos esquecermos do atual estágio de uso de nossa mão de obra, para podermos crescer com o menor desemprego possível, aproveitando os potenciais atuais das pessoas, e as preparando para um futuro próximo com novas competências a partir das sinalizações das necessidades das inovações e melhorias a serem aplicadas nas instituições locais.

O projeto nos leva ao espírito que o Papa Francisco exaltou ao convocar jovens, empresários e economistas do mundo inteiro para irem (de forma virtual na grande maioria) a Assis, Itália no final de 2020. Em suas palavras: “Estou escrevendo para convidá-los ... rapazes e moças que ... se interessam por uma economia diferente: aquela que traz vida e não morte, que é inclusiva e não exclusiva, humana e não desumanizante,

que cuida do meio ambiente e não o despoja. Um evento ...para mudar a economia de hoje e dar uma alma à economia de amanhã”.

“As vossas universidades, as vossas empresas e as vossas organizações são oficinas de esperança para criar novas formas de compreender a economia e o progresso, para combater a cultura do desperdício, para dar voz a quem não tem e para propor novos estilos de vida. Somente quando nosso sistema econômico e social não produzir mais uma única vítima, uma única pessoa deixada de lado, poderemos celebrar a festa da fraternidade universal”. (PAPA FRANCISCO, 2020)

O Nosso Núcleo Casa Verde busca enriquecer o nosso cotidiano no bairro com cultura, lazer, educação de qualidade, alinhada às necessidades locais e não apenas nos tornarmos uma sociedade mais consumista; vivermos melhor de acordo com nossos indicadores, segundo nossos próprios desígnios, com melhores empregos e empresas.

Para isto é central o controle das inovações tecnológicas. Teremos que ter coragem, empatia. Faremos muitos erros honestos, mas não perderemos o otimismo, para durante os avanços que fizermos, poderemos medir o nosso sucesso a partir da quantidade de olhos brilhando de nossas crianças e de nosso povo.

“A dream you dream alone is just a dream.

A dream you dream together is reality”

African Proverb

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARQUERO, A. V., **Desenvolvimento Endógeno em Tempos de Globalização**, Rio grande do Sul, UFRGS Editora, 2002

BRANDÃO, C. A., **Celso Furtado Para Interpretar o Brasil de Hoje**, ABED, 2020,

BRESSER-PEREIRA, L. C.; OREIRO, J. L.; MARCONI, N., **Macroeconomia Desenvolvimentista** - Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.

CAMILHER-ALMEIDA, F.; **Métodos Para Elaboração De Uma Agenda Comum De Desenvolvimento Local Sustentável**, Mestrado em Economia – PUC-SP - 2018

CANADIAN INDEX OF WELLBEING. **How are Canadians Really Doing?** The 2016 CIW National Report. Waterloo, ON: Canadian Index of Wellbeing and University of Waterloo. 2016. <https://uwaterloo.ca/canadian-index-wellbeing/> Acesso: 12/ 2020

CARLSSON, B. **Universities, entrepreneurship and public policy: Lessons from Abroad**. In: SHANE, S. (ed.). *Economic development through entrepreneurship government, university and business linkages*. Northampton, Inglaterra: Edward Elgar Publishing, 2005, Cap. 9.

CHANG, H., **Chutando a Escada** – São Paulo, Editora Unesp, 2004

DINIZ, C.C., **Celso Furtado: Peregrino do Desenvolvimento** – ABED, 2020

DOWBOR, L. **O Capitalismo Se Desloca**. São Paulo, Edições Sesc, 2020. 194 p.

DOWBOR, L. **O Que é Poder Local?** Imperatriz, MA: Ética, 2016. 144p.

FURTADO, C., **Em Busca De Um Novo Modelo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 101p.

FURTADO, C., **O Longo Amanhecer**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 116p.

FURTADO, C., **Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1986.

GALA, P.; RONCAGLIA, A., **Brasil Que Não Aprende**. São Paulo, Edição do Autor, 2020, 228 p.

HASSINK, R.; HU, X.: **Specialisation to Diversification in Science and Technology Parks**. World Technopolis Association, WTR, 1, p. 6-15, 2012

LEONTIEF, W. **A Economia do Insumo-Produto**. Editora Abril, 1983.

MARCELINO, M. M.; BRITO, E.. **Eis Aí A Casa Verde**. São Paulo – Ed. Cartago, 2013. 96 p.

MORI, M..[et al]. **Inovação em Rede, Boas Práticas De Gestão EM NITs**. São Paulo - PCN, 2017.

PAIVA, C. A.N. **Fundamentos Da Análise E Do Planejamento De Economias Regionais**. Ed. Parque Itaipu, Foz do Iguaçu, 2013

NASH, J. F. Jr., **Equilibrium Points in n-person Games**. Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America, pp. 48–49, 1950.

NASH, J. F. Jr., **Non-Cooperative Games**. PhD. Thesis. Princeton University Press, 1950.

PÉREZ, C.. **The financial crisis and the future of innovation: a view of technical change with the AID of history**. Tallinn; Norway: Tallinn University of Technology; The Other Canon Foundation. 2010. (Working Papers in Technology Governance and Economic Dynamics, n. 28).

POCHMANN, M. et al. Artigo: **Clássico brasileiro é Vaco vs. Fama** Ed. Perseu Abramo, São Paulo, 2011

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Editora FGV. Edição do Kindle, 2006.

RAWORTH, K., **Economia Donut**, Ed. Zahar, 2019, 350 p. Edição do Kindle

SENGE, P. M. **A Revolução Decisiva- Como Indivíduos e Organizações Trabalham em Parceria para Criar Um Mundo Sustentável**, Rio De Janeiro Ed. Elsevier, 2009

SENGE, P. M. **A Quinta Disciplina- Arte, teoria e prática da organização de aprendizagem**, São Paulo, Ed. Best Seller, 1990

SCHUMPETER, J. A. “**A Teoria do Desenvolvimento Econômico**” Ed. Abril, 1985

TIGRE, Paulo B. **Gestão da Inovação: a economia da tecnologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

URBAN SYSTEMS, **Relatório Projeto Casa Verde**, 2020, São Paulo, 50p.

VÁZQUEZ B., A. **Desenvolvimento Endógeno em tempos de globalização**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 2001.